



TECNICISMO APRIMORADO E A DIDÁTICA VAZIA QUE O LIVRO DE LEMOV PODE GERAR

Flavia Moon Araújo Oliveira¹

RESUMO

Este artigo analisa criticamente a obra *Aula Nota 10* de Doug Lemov e sua assimilação pelo cenário educacional brasileiro, marcado pelo legado do tecnicismo pedagógico de matriz liberal-positivista. Fundamentando-se em Libâneo (2001) e Marques (2012), identifica no modelo tecnicista, consolidado durante a ditadura militar (1964-1985), uma racionalidade produtivista que subordina a educação às demandas capitalistas. A proposta de Lemov, é reconhecida por sua operacionalidade na gestão de sala de aula, mas revela aderência estrutural a esse paradigma. A metodologia integrou análise bibliográfica crítica (articulando Freire, Foucault, Morin e Stirner), exame imanente da obra e entrevistas semiestruturadas com docentes da rede pública. Os resultados evidenciam que: (1) as técnicas propostas fragmentam a prática pedagógica em habilidades mensuráveis, alinhando-se à educação bancária e à lógica panóptica de Foucault mediante controle comportamental e eficiência instrumental; (2) a fundamentação epistemológica negligencia dimensões políticas e sociais, operando com vaguezza terminológica que delega ao leitor o preenchimento de lacunas discursivas; (3) as entrevistas confirmam utilidade pragmática, mas alertam para aplicações descontextualizadas que ignoram realidades estruturais, corroborando a inexistência de "fórmulas prontas". Conclui-se que a obra atualiza o tecnicismo ao desvincular-se de fundamentos críticos, subjugando subjetividades docentes e discentes e esvaziando a complexidade do ato educativo. Embora suas técnicas ofereçam utilidade circunstancial, sua aplicação isolada legitima o apagamento da autonomia intelectual e aprofunda falhas estruturais. Defende-se, portanto, seu uso mediado por reflexão crítica sobre fins e meios, integrado a projetos pedagógicos contextualizados – especialmente no Brasil, onde desigualdades exigem abordagens emancipatórias. Propondo ao fim um debate sobre didáticas transformadoras na escola pública.

Palavras-chave: Tecnicismo, Didática, Práticas de aula, Doug Lemov, Educação Crítica.

INTRODUÇÃO

O ensino tecnicista se baseia na construção do estudante para o meio de produção capitalista, utilizando de práticas psicológicas e formalizadas para criar um ambiente produtivista que visa construir uma escola de modelo Liberal, como apontado por LIBÂNEO, 2001, baseando-se nos modelos fordistas e Tayloristas de produção industrial aplicado a construção da educação, promovendo uma forma produtivista do ensino, como coloca MARQUES.A.A.A, 2012, onde alunos são entregues ao sistema, formados para o meio de produção.

¹ Graduanda do Curso de Matemática do Centro Universitário de Franca – UNI-FACEF, flavia.araujo.moon@gmail.com;





X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

O ensino tecnicista se torna extremamente atrativo para os governos militares durante o processo de ditadura do Brasil, de 1964 a 1985 e antes das reformas democráticas que restauraram o Brasil a uma democracia representativa de direito, o objetivo tornou-se essencialmente a construção de uma sociedade desmobilizada e acrítica (MARQUES.A.A.A, 2012), e, portanto, a formação de uma essência tecnicista se deve a construção de uma nova ideia de poder.

Nos anos 2000, a obra de Doug Lemov, "Aula Nota 10" (originalmente Teach Like a Champion), chega ao Brasil com significativo respaldo institucional e repercussão prática. Apoiada pelo Instituto Lemann (CÁSSIO, F., 2025), a proposta de Lemov foi recebida com entusiasmo por muitos professores e instituições educacionais, destacando-se por seu caráter de aplicabilidade imediata em sala de aula.

Este artigo buscou analisar criticamente a contribuição de Lemov, identificando tanto seus potenciais quanto suas limitações estruturais. Reconhece-se o valor de seu repertório técnico para a organização do trabalho docente nas escolas de modelo atual, a gestão de sala de aula e a eficiência de rotinas pedagógicas, fatores que explicam sua ampla recepção.

Contudo, a análise evidencia que sua fundamentação se ancora em uma perspectiva marcadamente tecnicista. Essa orientação se manifesta na utilização ampla de técnicas comportamentais e na fragmentação da prática educativa em habilidades mensuráveis, com reduzido pensamento sobre dimensões políticas, sociais e culturais que permeiam a escola, sobretudo em contextos de desigualdade como o brasileiro. Como consequência, embora ofereça ferramentas úteis para a eficiência do processo ensino-aprendizagem, a abordagem de Lemov apresenta lacunas significativas para a promoção de uma educação verdadeiramente emancipatória e contextualizada. Sendo um exemplo direto da educação bancária proposta por Freire.



METODOLOGIA

Este artigo adotou uma abordagem de análise bibliográfica crítica, articulando exame teórico e confronto empírico para avaliar a obra de Doug Lemov (Aula Nota 10). A investigação pautou-se em três eixos inter-relacionados, descritos abaixo.

Inicialmente, realizou-se uma fundamentação teórica pluralista, mobilizando autores-chave para estabelecer perspectivas contrastantes. Paulo Freire (pedagogia crítica) e Edgar Morin (complexidade) constituíram os pilares centrais, oferecendo lentes para examinar dimensões emancipatórias e sistêmicas da educação. Complementarmente, incorporaram-se as análises de Michel Foucault sobre relações de poder e disciplina em instituições escolares, bem como as reflexões de Max Stirner acerca do individualismo e da crítica à instrumentalização. Esse arcabouço permitiu confrontar as propostas técnicas de Lemov com questões políticas, éticas e existenciais subjacentes à prática docente.

Em seguida, procedeu-se à análise direta da obra de Lemov, mediante leitura imanente e crítica de Aula Nota 10. Examinaram-se a estrutura do texto, as fontes citadas e as experiências pedagógicas relatadas, buscando identificar seus pressupostos epistemológicos e finalidades educativas. Paralelamente, confrontaram-se suas teses com críticas acadêmicas consolidadas sobre tecnicismo e reducionismo pedagógico.

Por fim, integrou-se um componente empírico exploratório para avaliar as análises teóricas com vivências concretas. Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com dois professores da educação básica (cujas identidades foram preservadas por questões éticas). O diálogo focalizou a aplicabilidade das técnicas de Lemov, obstáculos práticos em realidades locais e percepções sobre a eficácia de suas ferramentas na promoção de aprendizagens significativas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O arcabouço teórico deste estudo estrutura-se na análise das relações de poder e dinâmicas micropolíticas da sala de aula, tomando como eixo central a microfísica do poder de Michel Foucault (2011). Essa perspectiva examina os mecanismos disciplinares que permeiam o espaço escolar, interrogando como técnicas de controle, vigilância e normatização atuam na conformação de corpos e subjetividades, quadro essencial para desnaturalizar as propostas de gestão comportamental presentes em Lemov.





Incorpora-se, também, a crítica freireana à educação bancária (FREIRE, 2019), que expõe a lógica de opressão inerente a modelos pedagógicos centrados na transmissão unilateral de conhecimento. Ao contrapor essa matriz à educação libertadora, fundada no diálogo, na problematização do mundo e na autonomia do educando, estabelece-se um parâmetro ético-político para avaliar as dimensões emancipatórias nas técnicas propostas por Lemov.

Aprofunda-se essa análise com a lente da complexidade de Edgar Morin (2000), que desafia a fragmentação do conhecimento e a simplificação excessiva de práticas educativas. Seu princípio da "tecido de interdependente" (relação parte-todo) e sua crítica ao pensamento disjuntivo oferecem instrumentos para questionar o caráter reducionista de estratégias pedagógicas centradas em habilidades isoladas e mensuráveis.

Integra-se ainda a contribuição de Max Stirner por sua crítica radical à instrumentalização do sujeito por sistemas institucionais. Sua ênfase no único (der Einzige) e na autodeterminação não negociável do indivíduo fornece um contraponto filosófico às tentativas de padronização docente e discente implícitas em modelos excessivamente técnicos.

Por fim, dialoga-se com fontes especializadas em didática e gestão de sala de aula (incluindo a própria obra de Lemov), não como fundamento último, mas como objeto de confrontação crítica a partir dos marcos teóricos estabelecidos. Essa triangulação permite examinar em que medida as ferramentas práticas do autor:

- a) Reproduzem mecanismos de disciplinarização;
- b) Perpetuam ou subvertem a lógica bancária;
- c) Ignoram princípios de complexidade;
- d) Negligenciam a autonomia e a subjetividade do aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entrevistas

Professora 1 – Formada em história pela UNESP, docente pela rede pública há mais de 30 anos

Pergunta: “O que você acha de Lemov?”

Resposta: “Lemov é usado em sala de aula como uma forma de auxiliar os professores a gerirem o ambiente, apesar de ser útil, é utilizado constantemente e de forma irresponsável





pelo estado de São Paulo, querendo induzir um comportamento específico de alunos e professores sem considerar o ambiente da sala de aula.”

IX Seminário Nacional do PIBID

Professora 2 – Formada em Física, docente pela rede publica

Pergunta: “O que você acha de Lemov?”

Resposta: “Não tenho grandes opiniões, mas, posso afirmar que não existe uma formula pronta em sala de aula.”

Discussão Teórica

Foucaut, em vigiar e Punir, cria uma construção de uma narrativa de poder, o poder é fisico, porém, também torna-se mental, torna-se fundamental para a propria realidade do sistema, é importante que a pessoa nem sequer questione o Panóptico e o mundo ao seu redor.

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos — isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar.. (FOUCAUT, 2011, p.221)

Assim constroem-se espaços de controle e poder, um espaço que, ao aplicado dentro da escola não se manifestam diferentemente do controle absoluto das prisões panópticas, especialmente ao se lidar com a escola ideal apresentada ao se utilizar Lemov acriticamente. Uma escola que se enquadra quase perfeitamente no que Freire apresenta como a educação bancária.

O livro “Aula nota 10” inicia-se como uma análise psicológica do ensino, como melhorar a forma, pouca critica é dado ao que é melhor, como é melhor e para quem é melhor, pouca criticidade é dada a ideia de construir a sala de forma psicológica e, supostamente, eficiente. Se enquadrando quase perfeitamente no modelo tecnicista como LIBANEO, 2001, apresenta.

O livro, apresenta-se com um desejo social logo em sua introdução, como próprio Lemov afirma:

Este livro é sobre as ferramentas do ofício de ensinar, e espero que seja útil para os professores, onde quer que estejam. Mais especificamente, ele apresenta um





interesse especial no setor que é mais importante para mim: escolas públicas, sobretudo as das periferias, que atendem alunos nascidos na pobreza e que, portanto, seguem por um caminho incerto até a oportunidade que merecem (...) (LEMOV, 2023, p.47)

Assim demonstramos o desejo de Lemov de melhorar a vida de alunos periféricos, ao mesmo tempo insere-se a frase.

Não é possível que ter nascido com menos recursos restrinja a oportunidade de um indivíduo, certamente não em lugares em que se acredita na meritocracia, mas a verdade é que isso acontece. (LEMOV, 2023, p.47)

Evidenciando uma das contradições fundamentais da obra, enquanto se propõe como instrumento de auxílio a estudantes periféricos, sua abordagem reforça, no contexto social vigente, uma narrativa de salvação e meritocracia. Logo na introdução, o livro constrói uma representação idealizada de docentes, figurando-os quase como salvadores dos vulneráveis e da população pobre - imagem criticada por Freire (2019) e associada por McNutt (2021), no cenário estadunidense, à postura do '*white saviorism*' em escolas negras.

Ao analisar as técnicas apresentadas por Lemov após a fundamentação introdutória e psicológica sobre a dinâmica de sala de aula, observa-se que estas são formuladas de maneira direta e prescritiva. Sua exposição é suficientemente explícita e operacionalizada para permitir aplicação imediata pelo docente, inclusive com orientações passo a passo adaptáveis a contextos educacionais diversos.

Esse quadro engendra uma dinâmica na qual as técnicas cristalizam-se na 'Didática Vazia' (MCNUTT, 2021), reduzindo a relação triádica estudante-professor-mundo a protocolos operacionais circunscritos ao espaço escolar. Tais técnicas, embora detenham valor na gestão da sala de aula, circunscrevem-se inteiramente ao paradigma tecnicista vigente, demandando tanto um ambiente institucional específico quanto a adesão inquestionável à autoridade docente e à centralidade dos conteúdos disciplinares.

Libâneo descreve a linha de pensamento tecnicista em seus pressupostos de aprendizagem da seguinte forma:

(...) as teorias de aprendizagem que fundamentam a pedagogia tecnicista dizem que aprender é uma questão de modificação do desempenho: o bom ensino depende de organizar eficientemente as condições estimuladoras, de modo a que o aluno saia da situação de aprendizagem diferente de como entrou. Ou seja, o ensino é um processo de condicionamento através do uso de reforçamento das respostas que



se quer obter. Assim, os sistemas instrucionais visam o controle do comportamento individual face a objetivos preestabelecidos. Trata-se de um enfoque direutivo do ensino, centrado no controle das condições que cercam o organismo que se comporta (...) (LIBÂNEO, 2001, p.19)

X Encontro Nacional das Licenciaturas

IV Seminário Nacional do PIBID

As técnicas propostas na obra constituem, em sua maioria, instrumentos que reforçam conhecimentos hegemônicos e acríticos, orientando-se exclusivamente para respostas consideradas 'corretas' sob paradigmas estabelecidos. Paralelamente, o texto prioriza a eficiência didática e a gestão de sala de aula sem examinar a quem serve essa eficiência ou como ela verdadeiramente beneficia os discentes e docentes. Tampouco problematiza as bases de suas metodologias, supostamente extraídas da observação de mais de 10 mil docentes, ainda que admita critérios de seleção fundada em parâmetros estruturais enviesados.

Para Stirner (1907), a realidade configura-se como essencialmente egoísta: o Estado opera em função de sua própria lógica, assim como a burguesia e as estruturas de poder perseguem exclusivamente seus interesses endógenos. Tais instâncias constituem-se em 'importâncias diretas' centradas na relação autorreferente entre o ego e sua autopreservação.

Aplicada ao contexto educacional, essa formação engendra uma dinâmica institucional na qual a escola, enquanto aparelho sistêmico, tende a priorizar sua autorreprodução, negando as subjetividades discentes e suas realidades individuais. Tal processo ecoa a análise foucaultiana (2011) sobre os mecanismos de poder: a manutenção do status quo opera mediante a internalização de controles que suprimem o questionamento crítico - à semelhança do poder prisional, que necessariamente rejeita a subjetividade para assegurar seu funcionamento disciplinar.

Portanto, contextualizando as entrevistas realizadas, constata-se que o modelo proposto por Lemov opera em ambientes educacionais que reproduzem relações de poder e desenvolvimento humano instrumentalizadas. Tal diagnóstico alinha-se à afirmação da segunda entrevistada: 'não existem fórmulas prontas na educação'. A experiência formativa no âmbito do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) corrobora essa perspectiva, evidenciando que a realidade pedagógica é intrinsecamente complexa e mutável - assim como as estruturas de poder que permeiam o tecido educacional-social. Conforme alerta Morin (2000), a recusa em compreender a complexidade humana compromete radicalmente a construção de relações autênticas de compreensão.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do processo investigativo que fundamentou este artigo, buscou-se estabelecer uma correlação crítica entre a obra de Lemov e sua assimilação pelo tecnicismo educacional brasileiro, modelo didático caracterizado por Libâneo como de matriz liberal-positivista, que intencionalmente negligencia relações pedagógicas críticas, configurando-se como mecanismo desmobilizador político e estrutural (MARQUES, A. A., 2012).

A obra Aula Nota 10 demonstra aderência estrutural ao modelo tecnicista analisado, conforme discutido ao longo do estudo. Embora suas técnicas não sejam intrinsecamente inválidas ou descartáveis - podendo oferecer utilidade circunstancial na gestão de sala e otimização de fluxos pedagógicos -, a proposta recusa-se epistemologicamente a: problematizar seus próprios fundamentos, fomentar consciência crítica sobre seu modus operandi e reconhecer a sala de aula como espaço de construção dialética.

Essa postura reifica o tecnicismo educacional, convertendo o docente em operador de protocolos (MARQUES, 2012), mecanizado para mediar conhecimentos hierarquicamente definidos por instâncias superiores. Consequentemente, consolida-se uma racionalidade produtivista que subordina o ato educativo à lógica de eficiência instrumental (FREIRE, 2019), esvaziando sua dimensão humanizadora.

Ao reconhecer que o processo de sala de aula constitui-se como espaço de ensino-aprendizagem (CANDAU, 2011), impõe-se igualmente a reflexão sobre a imperativa salvaguarda da subjetividade discente. Conforme fundamentado por Stirner o indivíduo, que não abandonou seus espectros, vê sua subjetividade apropriada por instâncias totalizantes, demandando-se sua subjugação corpóreo-intelectual ao aparato escolar e social em prol de constructos abstratos. Tal dinâmica encontra ressonância na obra de Lemov, que opera mediante terminologias intencionalmente vagas, delegando ao leitor a tarefa de preenchimento interpretativo dessas lacunas discursivas.

Ao estabelecer um diálogo crítico com as teorias da educação, evidenciam-se as limitações estruturais da obra de Lemov e sua operacionalização em contexto pedagógico.



Identifica-se uma correlação orgânica com os mecanismos da educação bancária (FREIRE, 2019) e com a dinâmica panóptica (FOUCAULT, 2011), nas quais a busca por eficiência didática reproduz estruturas de controle exacerbado. Tal enquadramento consolida uma atualização do tecnicismo pedagógico, estrategicamente desvinculado de fundamentos críticos e alinhado a projetos de subjugação da subjetividade humana à violência sistêmica do capital.

Ressalta-se que este artigo não declara a inutilidade da obra, mas problematiza, de forma incisiva, seus alicerces epistemológicos e aplicações. Defende-se que uma didática orientada à equidade futura exige fundamentação crítica consciente. Nesse sentido, técnicas operacionais como as de Lemov demandam reflexão permanente sobre seus *porquês e como*s. Sua aplicação só se justifica quando integrada a um projeto pedagógico amplo e jamais de forma isolada, especialmente em realidades como a brasileira, marcada por falhas estruturais profundas.

Portanto, o estudo propõe-se a fomentar um debate urgente sobre as práticas didáticas nas escolas públicas e os horizontes políticos que estas podem construir. Espera-se que mais estudos sejam efetuados pertinentes a realidade das técnicas apresentadas assim como relações mais complexas destas com as realidades estruturais, afinal, as técnicas, em isolamento, são úteis, mas seu uso não pode justificar o apagamento das subjetividades dos docentes e discentes dentro da educação por uma lógica de desmantelamento acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe que sempre me apoiou em minha trajetória pessoal e profissional, a Silvia, coordenadora do curso de matemática que esteve presente sempre em nossa formação garantindo a qualidade do ensino e ao projeto PIBID que possibilitou a introdução a docência e uma compreensão melhor de suas realidades.

REFERÊNCIAS

CANDAU, V, M. A didática em questão. [s.l.] Editora Vozes Limitada, 2011.

CÁSSIO, F. **Empresários golpeiam a formação docente pela segunda vez.** Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/empresarios-golpeiam-a-formacao-docente-pela-segunda-vez/>>. Acesso em 20/06/2025.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão.** Petropolis: Vozes, 2011.



FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. [s.l.] Rio De Janeiro Paz E Terra, 2019.

JOSÉ CARLOS LIBÂNEO. **Democratização da escola publica : a pedagogia critico-social dos conteúdos/Jose Carlos Libaneo.-** São Paulo (Sp): Loyola, 2001.

LEMOV, D. **Aula Nota 10 3.0.** [s.l.] Penso Editora, 2022.

MARQUES, A. A. A PEDAGOGIA TECNICISTA: UM BREVE PANORAMA. Itinerarius Reflectionis, v. 8, n. 1, 14 set. 2012.

MCNUTT, C. **Empty Pedagogy, Behaviorism, and the Rejection of Equity.** Disponível em: <<https://medium.com/human-restoration-project/empty-pedagogy-behaviorism-and-the-rejection-of-equity-c9d0fad15838>> , 2021. Acesso em 25/06/2025.

MORIN, E. **Os sete saberes para a educação.** 2000 [s.l: s.n.].

STIRNER, M. **The Ego and His Own.** 1907 [s.l: s.n.].

